

improp

suplemento

1

INFORMATIVAS

associação dos estudantes da faculdade de ciências de lisboa • 21 Set 72

estudantes presos

Foram presos em Agosto os nossos colegas:

- TÉCNICO :** Carlos Miranda,
Ana Neves, Fernando Brito (ex-dirigente associativo)
A.P. Braga (ex-dirigente associativo)
Rui Teives (dirigente associativo, já formado), Margie
Elsa Leitão (ex-estudante), Reginaldo Branco
- DIREITO :** C. Almeida Fernandes (na tropa, ex-dirigente associativo)
Manuel Salazar (na tropa)
Duarte Teives (na tropa) e a mulher Rita Teives.
Ana Simões
- ECONÓMICAS :** João Abel Freitas (a trabalhar no INII)
- LETRAS :** Eugénio Alves (jornalista do D.L.)
- LICEUS :** João Neves



TORRE
TOMBO

Estes estudantes foram presos sem mandatos de captura e sem culpa formada. Eles foram presos para averiguações. O Director do IST (Instituto Superior Técnico) tem sido pressionado no sentido de contactar com a PIDE. O que lhe tem sido dito, para ludibriar os estudantes, é que o motivo das prisões não é de ordem académica. Nós já conhecemos muito bem todos estes subterfúgios que a PIDE arranja para nos enganar mas, fossem quais fossem os motivos, as AAEE (Associações de Estudantes), pela sua Apoliticidade têm de se pôr do lado de todos os estudantes desde que eles não sejam anti-democráticos e anti-associativos. Mas estes, os militantes políticos fascistas, (nunca vimos processos aplicados aos furas e provocadores da Frente Universitária) não têm ido parar por acaso (só por acaso) a Caxias.

Também foi dito ao Director que a instauração de processos estava praticamente completada e portanto preste-se a solucionar-se o assunto. A desmentir estas aldrabices está o facto de terem sido presos mais 3 estudantes no dia 9 e outro no dia 15 deste mês. São eles:

Carlos Tomás IST
José Felisberto Marques IST
Pedro Topa IST
e Joaquim Vieira IST

No dia 9 as prisões foram efectuadas.

Da-da a importância da actual situação em Ciências ser-lhe-á reservada um IMPROP geral que sairá em breve. Tendo só agora regressado a maiorias dos estudantes de férias, vem este suplemento actualizá-los sobre os últimos acontecimentos nas outras escolas.

de um modo mais arbitrário: o pretexto foi a procura de drogas. Assim, entraram na casa do Carlos Tomás e, depois de bisbilhotarem nos frascos de cosméticos da irmã, roubaram-lhe alguns livros. O José Felisberto tinha-se dirigido a casa do Tomás e portanto, também foi preso. Foi-lhe passada busca a sua casa, incluindo os quartos de alguns colegas que lá vivem, depois de terem arrombado as portas. Um desses colegas é o Pedro Topa.

Encontram-se ainda presos os nossos colegas:

ISCEF : Carlos Alberto Amaral
Isabel Lança
José Simões de Sousa
Graça
Charters
Horácio

I. COMERCIAL :

Luis Marques
Joaquim Alfaiate

ISCSPU : José Mário Costa (empregado do SIAEIST)

Maurício Pires
Maria de Lurdes Vicente Baginha (empregada do SIAEIST)
Fernando Santos
Raúl Caixinhas
Luz Caixinhas

MEDICINA : Fernando Reis
Manuela Soares
Joaquim Almeida
Nuno Cunha Porto
Oiga Alves

DIREITO : Graça Baltasar
Fernando Ribeiro
Carlos Saraiva

TÉCNICO : Pedro Malho

LICEUS : Miguel Vilar

ÉVORA : Carlos Melo



T O R R E
T O M B O

Encontra-se também preso um nosso colega de Ciências: Luis Manuel Mendonça Torres. Foi preso no dia 4 de Abril, na fronteira, quando regressava de uma excursão a Paris organizada pelo SIAEIST. Pensa-se que o julgamento será em Dezembro. O ano passado o Torres frequentou o segundo ano de Física. Como ele precisasse de alguns livros e apontamentos, houve um movimento de alguns estudantes para lhe possibilitarem estudar para os exames. Para a efectivação destes terá de se deslocar à PIDE um professor ou então virá o Torres a Ciências...mas escoltado!...

Até aos possíveis julgamentos, e para já, alguns dos nossos colegas estão a ser torturados. A PIDE tem-lhes aplicado:

- tortura do sono - dias consecutivos sem dormir, provocando a lenta destruição de tecidos celulares, em particular de tecidos nervosos, o que pode provocar a morte.

" J. Abel Freitas: 120 horas seguidas sem dormir "

- tortura de estátua - dias e dias de pé o que provoca o inchamento das pernas e pés, chegando os sapatos a rebentar.

Para além destas, na outras torturas físicas e psíquicas, como es-
mucamentos e pressões de várias ordens.

"Rui Teives": queimaduras nas palmas das mãos ; Horácio e Lurdes
Baginha, hospitalizados "

PORQUÊ AS PRISÕES ?

O Governo sempre tem reprimido quem defende perspectivas democrá-
ticas e progressistas em oposição às perspectivas governamentais que são
reaccionárias, anti-democráticas e anti-populares. É portanto sempre nes-
tas perspectivas que o governo reprime as nossas lutas (processos discipli-
nares, expulsões, prisões, invasões policiais, massacres, etc) ; as das coopera-
tivas; e as lutas dos operários contra a exploração dos patrões.



TORRE
TOMBO

As Lutas do Técnico e de Económicas

TÉCNICO

Quando no 1º semestre, os estudantes do 1º ano do Técnico decre-
taram boicote aos exames de duas cadeiras, as autoridades organizaram datas
secretas, contactando com os furas para os realizarem.

Já no 2º semestre há várias reuniões onde se decide exigir a a-
nulação de tais exames.

A concentração do dia 16 de Maio, junto ao gabinete do director,
tinha por fim comunicar ao mesmo a decisão de todo o 1º ano.

A única resposta foi a entrada da polícia no Instituto, disper-
sando os estudantes à cacetada e perseguindo-os até à rua.

Nesse mesmo dia à tarde a Associação dos Estudantes foi encerra-
da e o mesmo aconteceu ao Instituto que ficou cercado pela polícia.

Entretanto era instaurado um inquérito às actividades da Associ-
ação e da respectiva Direcção.

Apesar de não poderem reunir na sua Escola, os estudantes conti-
nuaram a fazê-lo noutras escolas e decretaram greve activa às aulas até se-
rem satisfeitas as condições que exigiam:

"1 - Reabertura da AEIST, incondicional e concretizada por:

- entrega de todas as instalações da AEIST aos estudantes
e Direcção democraticamente eleita para 71/72;
- eleição dos corpos gerentes para 72/73;
- garantia de homologação dos novos corpos gerentes elei-
tos para 72/73;
- inexistência de processos disciplinares e de inquéri-
tos às actividades associativas;

- 2.- Libertação dos estudantes presos;
- 3 - Retirada da polícia das instalações escolares e associativas"

Quando o instituto reabriu, os estudantes mantiveram-se firmes na sua decisão e, como a situação não se alterasse até à altura dos exames, decretaram boicote a todos eles.

Apesar do controle das entradas pelas forças policiais, que só permitiam a passagem dos estudantes que tivessem exame no próprio dia, o boicote foi levado para a frente, sendo aplicado ao reduzido número de furas o merecido castigo.

Em 20 de Julho, uma RGA levanta o boicote a exames, pondo como condição a reabertura imediata da AE, o que aconteceu no dia 21.

Assim os estudantes do Técnico encontram-se neste momento a realizar os exames do 1º semestre ao mesmo tempo que têm aulas até 4 de Outubro, altura em que se realizarão os exames do 2º semestre.

No dia 19 houve uma RGA onde se discutiu o apoio a dar aos estudantes actualmente presos.

ECONÓMICAS

Em 16 de Maio a polícia cerca Económicas a pretexto dos estudantes do Técnico se irem lá reunir. Depois invade o instituto e espanca quem encontra (foi o já conhecido massacre de Económicas).

A Associação é encerrada. São instaurados processos judiciais como consequência dos acontecimentos daquele dia.

Os estudantes entram em greve às aulas e exigem a entrega das instalações da AE, a retirada da polícia e o levantamento dos processos.

Como as autoridades não cedessem a estas exigências foi decretado boicote a exames. Estes nem sequer se chegam a realizar.

Já em Setembro reabrem oficialmente as aulas; os estudantes mantêm-se em greve durante dois dias.

No dia 6 de Setembro, sob proposta da Direcção da AE, uma RGA decide levantar greve, tendo em conta que o director na véspera afirmara à Direcção que ele, director, se comprometia a declarar a AE oficialmente reaberta no mesmo momento que a greve a actividades escolares fosse levantada pela RGA; que os Corpos Gerentes eleitos em Abril ficariam homologados de facto, no acto de entrega da AE e os despanhos do MEN seriam imediatos; que em relação aos processos-crime o MEN prometia acompanhá-los de forma ao seu não prosseguimento.

MOVIMENTO COOPERATIVISTA ➤ A LIVRELCO

Como devemos ainda estar lembrados saiu em Novembro de 71 um decreto Governamental pretendendo estabelecer limites mais estreitos às actividades das cooperativas no país. Assim, segundo ele e no essencial, seriam apenas permitidas cooperativas para fins exclusivamente económicos (com exclusão portanto de qualquer actuação cultural), devendo estes organismos ficar obrigados a apresentar os estatutos dentro dum prazo estipulado. Em qualquer dos casos a lei, a não ser cumprida, implicaria o encerramento do dito organismo.

O que se passou desde aí ?

O Movimento Cooperativista reunido em Janeiro/72 em Coimbra, depois de prolongada discussão sobre a linha de acção a adoptar face ao decreto e tendo em conta o cerceamento de actividades que sobre ele o Governo pretendia exercer com esta actitude, decidiu por unanimidade a não entrega por parte de nenhuma Cooperativa dos estatutos exigidos.

Apesar da decisão tomada algumas cooperativas afastaram-se dela enviando-os imediatamente para o Ministério do Interior — Confronto, Coordenadas e CED (Cooperativa de Estudos e Documentação, de que é dirigente (suplente) um dos nossos distintos docentes, Dr Tiago). Esta ultima viu há dias a sua existência legalizada com a aprovação dos estatutos enviados (de natureza não exclusivamente económica, no entanto). Porque seria ? — Com excepção desta ultima, estas foram fechadas poucos dias depois.

Finalmente em Agosto as cooperativas vieram a ser notificadas da aproximação do fim do prazo previsto para a entrega, após o qual elas deveriam ser encerradas.

Ultrapassando a decisão de Janeiro, algumas das restantes cooperativas em Assembleias Gerais de sócios vieram a aprovar o envio imediato dos estatutos (Devir e outras).

Quanto a estas o que sucedeu ?

A LIVROPE, em Alverca, nos primeiros dias deste mês foi aparatosamente encerrada acompanhada da ocupação militar da própria vila.

A Livrelco, tendo sido notificada com atraso em relação às demais cooperativas viu o seu prazo de entrega prolongado até 24 deste mês, altura em que provavelmente virá a ser encerrada. Realizou no dia 19 nova A.G. que voltou a reiterar a decisão já anteriormente tomada.



TORRE
TOMBO